

Corvo Correio



Jornal Académico de Lisboa



INAUGURAÇÃO DO CORVO CORREIO!

Corvo Correio

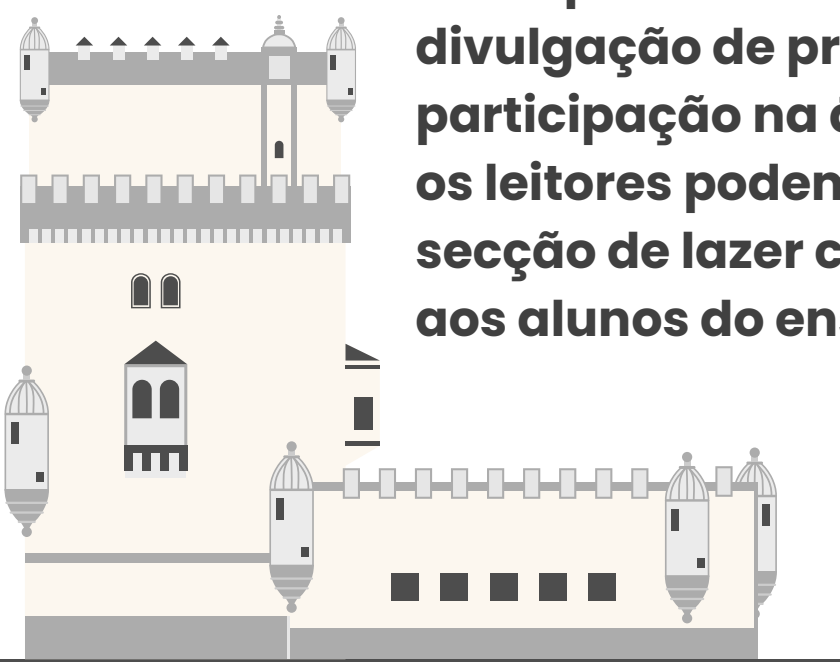


Jornal Académico de Lisboa

Lisboa é uma cidade que abraça a academia. Desde a sua cidade universitária à praia de Carcavelos os estudantes cruzam-se pelos cafés, tascas, bibliotecas e às salas de aula onde trocam ideias, debatem e discutem os problemas que nos assolam a todos.

Os estudantes desempenham um papel fulcral no debate público e este já é realizado em cada faculdade, em cada universidade e na academia como um todo.

Nesse sentido apresentamos o mais novo jornal académico universitário, o Corvo Correio! Esta iniciativa, criada por vários estudantes de diferentes instituições de ensino superior, tem como objetivo levar aos universitários da Área Metropolitana de Lisboa novidades sobre o ensino superior, gargalhadas, dicas para um melhor aproveitamento da vida académica, a divulgação de projetos culturais e musicais e o incentivo à participação na área da comunicação social. No Corvo Correio, os leitores podem esperar artigos de cariz científico, uma secção de lazer com quadros cómicos e uma secção dedicada aos alunos do ensino superior.



Corvo Correio

NOVA SCOLA BUÉ ECONÓMICA E O DEBATE QUE ULTRAPASSA QUALQUER TRADUÇÃO



No dia 23 de março, estive à conversa com o docente Jorge Bacelar Gouveia – docente catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, frequentemente associado a esta polémica devido à sua posição pública sobre o tema –, e com a aluna Diana Serra – que frequenta a dita Nova SBE –, no contexto de uma mudança administrativa que tem suscitado diversos debates no seio da Universidade Nova de Lisboa.

Desde sempre que os nomes não são apenas nomes, mas símbolos daquilo que pretendem nomear. Está na natureza humana valorizar as primeiras impressões. E, na polémica que aqui destrinchamos, a discussão não é somente sobre o nome de uma faculdade; passa a ser, inevitavelmente, sobre internacionalização, para uns, ou sobre perda cultural, para outros.

A onda crescente de exposição mediática em torno da mudança de designação da dita Nova School of Business and Economics – ou Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, para os mais próximos – fez com que surgissem cada vez mais hipóteses e sub-debates quanto ao cerne da questão. Apesar de, numa abordagem inicial, se mostrar um assunto de mero cumprimento das normas, escapou ao campo jurídico, sangrando para as piscinas da identidade, da cultura e da política.

Exploramos primeiro a perspetiva de Jorge Bacelar Gouveia que, abordando a questão numa perspetiva jurídica, foi direto ao ponto: **“Num Estado de Direito nós temos que aplicar a lei que nos rege. E a lei é clara”**.

Segundo o professor, o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior determina que as instituições públicas devem ter designação em português, podendo acrescentar uma designação em língua estrangeira. O problema, defende, reside no facto de a Nova SBE utilizar apenas a designação inglesa, sem referência equivalente em português, o que, na sua perspetiva, constitui uma irregularidade. **“Por aquilo que eu tenho visto, na Faculdade de Economia da Universidade Nova [...] não há qualquer alusão sequer à designação em português. E, portanto, isso é ilegal”**.

Corvo Correio

A questão, contudo, não se esgota na legalidade: pelo contrário. Para Jorge Bacelar Gouveia, esta discussão reflete uma transformação mais profunda no ensino superior português. **“Mas não é só uma questão de cumprir a lei [...] é uma questão de identidade também de uma instituição que é portuguesa e é pública”.**

A internacionalização surge, inevitavelmente, como o principal argumento em defesa da manutenção do nome em inglês. Ainda assim, o professor contesta esta ideia. **“A**

internacionalização é uma coisa substancial, substantiva, não é pelo nome. [...] Não é por o facto de a Nova SBE também se chamar Faculdade de Economia que ela vai deixar de ser internacional.”

Entre tradição e competitividade, o professor mostra incerteza acerca de onde descansa verdadeiramente o coração da nossa instituição. E, com esta incerteza, surgem também preocupações mais amplas, mas a ela intrinsecamente relacionadas. O aumento do número de estudantes estrangeiros, a presença crescente de docentes internacionais, o ensino predominantemente em inglês e – aos olhos do professor, a ofensa mais grave – a não exigência de proficiência em português para poder ensinar nas unidades orgânicas da Nova apontam para uma transformação mais profunda. **“Começamos a ver estudantes estrangeiros, às vezes, em maior número do que os próprios estudantes portugueses [...] e eu começo a perguntar se vale a pena ter uma universidade pública paga pelo dinheiro dos portugueses para estar a dar aulas a estrangeiros.”** O docente reafirma, não obstante, que não se trata, na sua ótica, de um nacionalismo desmedido.

Para além disso, não podemos ignorar aquilo que se move nas entrelinhas: os jogos de poder que, silenciosamente, moldam decisões desta natureza. O próprio professor deixa a dúvida no ar: **“Será que esta questão [...] tem por trás de si uma luta pelo poder [...]?”** A referência a um candidato associado à Faculdade de Economia derrotado nas eleições para reitor, bem como a contestação subsequente ao despacho, levanta possibilidades desconfortáveis para a imagem pública da Universidade Nova.



Corvo Correio

E, como em qualquer conflito que extravasa o imediato, as consequências projetam-se para lá do presente. O professor admite a possibilidade de ruptura — **“a porta da rua é a serventia da casa”** — sugerindo até a criação de instituições privadas por quem não se reveja nas regras da universidade pública. Paralelamente, propõe soluções estruturais: a limitação percentual de cursos lecionados em língua estrangeira, quotas para docentes e estudantes nacionais, e até uma intervenção legislativa que discipline o uso do português no ensino superior. Medidas que, sendo vistas por uns como proteção, poderão ser interpretadas por outros como restrição das liberdades.

As palavras são fortes. E, precisamente por isso, geram reação.

Do outro lado do debate, surge o testemunho de Diana Serra, 18 anos, aluna do primeiro ano da licenciatura em gestão da Nova SBE — ou, como a própria diria, First Year Bachelor in Management —, que oferece uma perspetiva distinta, construída a partir da experiência quotidiana dentro da instituição. Para a estudante, o nome em inglês é parte integrante da identidade da faculdade, sem o qual se tornaria algo distinto, desconhecido, fora dos moldes que a própria quis construir para si e para as pessoas que a frequentam.



Segundo Diana, **“a faculdade tem uma imagem de ser aberta ao exterior e de ter um modelo diferente, criativo e inovador, e o nome em inglês faz com que a faculdade se destaque”**. A estudante acrescenta ainda que **“ter o nome da faculdade em inglês dá um destaque internacional aos próprios estudantes”**, sobretudo num contexto em que a realidade académica, e não só, é já profundamente internacionalizada, tanto por ligação à área da economia como por uma maior ambição na perspetivação de futuros empregos.

Corvo Correio

Talvez seja precisamente para aqui que devemos apontar os nossos holofotes. Será a decisão da Nova SBE uma aposta epitomada de ousadia, desbravando caminho para um novo tipo de organização institucional que, embora fortemente contestada, possa trazer mais benefícios do que realmente se pensa? Ficará conhecida pelo desafio a uma realidade já consolidada, ou por uma transformação excessiva, uma possível perda de identidade?

Diana Serra sublinha ainda que “o nome em português não reflete bem o que verdadeiramente se passa na instituição nem o mérito internacional que tem”. Não se trata, diz, de melhor ou pior, mas de diferença. “Colocar o nome em português torna-a só em mais uma faculdade de economia”.

É um debate, caros leitores, que dificilmente cessará com uma simples mudança administrativa. A questão permanece, não só relativa às universidades e faculdades pelo país fora, mas pelas instituições da sociedade civil no geral. A globalização é atual, todos o sabemos. Mas até que ponto é que podemos deixá-la penetrar a realidade nacional?

As respostas não são simples. Talvez nunca o sejam.

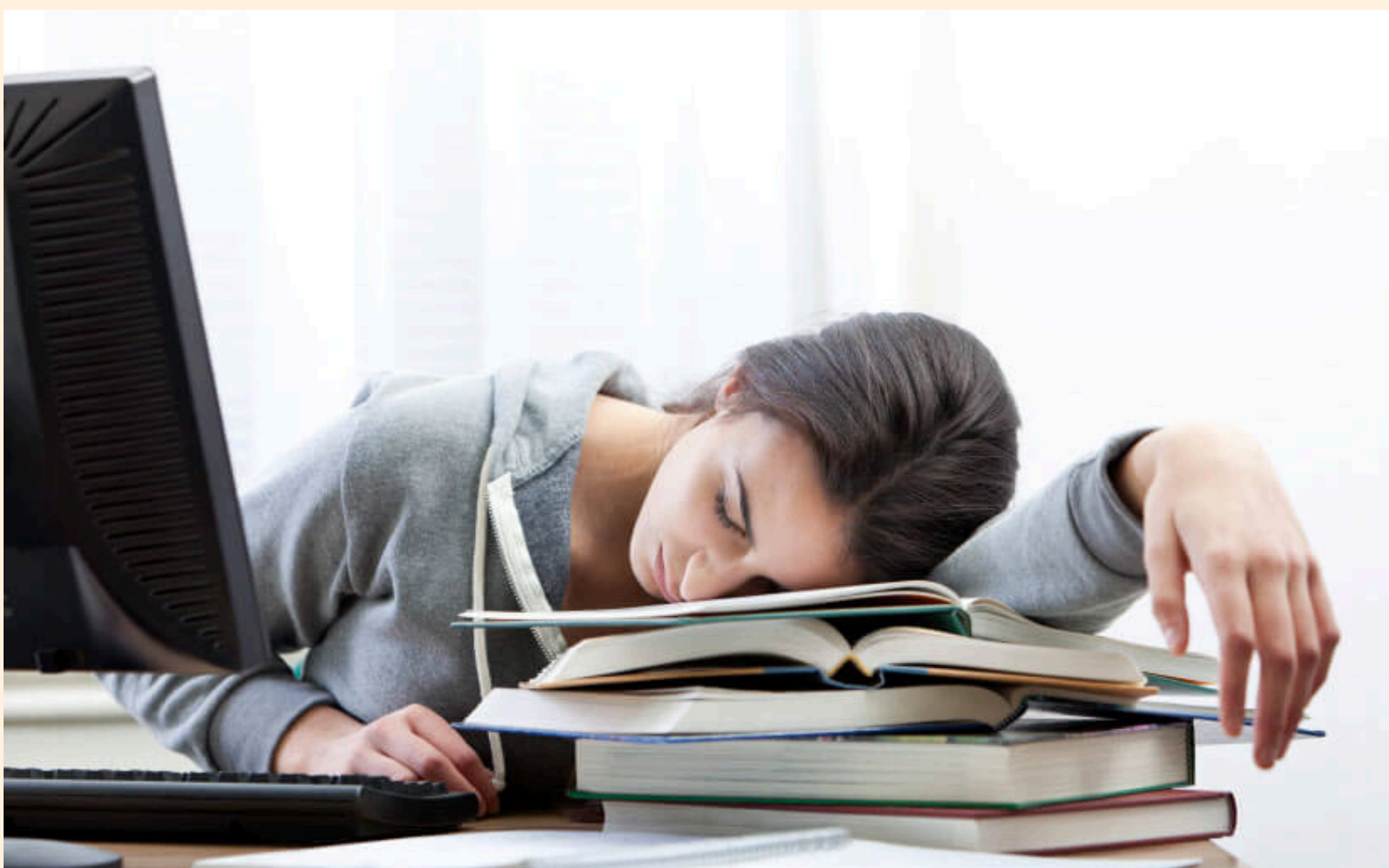


O DESAFIO DE SER MELHOR: BURNOUT DOS ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR

Todos nós já estivemos stressados com aquele trabalho ou cadeira no Ensino Superior, tendo cada um as suas histórias e pesadelos sobre a cadeira e o próprio curso. O stress crónico, que nada mais é que a exposição prolongada ao stress, indo de meses a anos de exposição contínua, pode provocar uma condição muito conhecida entre a comunidade académica que é a síndrome de Burnout, mais conhecida como Burnout.

O Burnout é a resposta a um stress crónico perante o qual a pessoa sente que não tem ou que não consegue usar estratégias de coping para lidar com este, provocando a exaustão física, emocional e mental para o indivíduo

Em todos os cursos – vá, a maioria – o Burnout está muito presente, segundo a Sic Notícias, mais de metade dos universitários está em burnout e 40% consomem psicotrópicos (Lusa, 2025), o que denota não só a falta de interesse pela saúde mental dos estudantes por parte das universidades como também por parte do Ensino Universitário Português como um todo. Mas, por mais que cada licenciatura tenha os seus motivos para poder provocar burnout, existe certas licenciaturas que se destacam por serem consideradas mais stressantes que outras, tais como Medicina, Enfermagem e Arquitetura



Corvo Correio

A seguinte licenciatura é a Enfermagem, que segundo um artigo de investigação, o maior fator de burnout nos seus estudantes são os ensinamentos clínicos, onde são expostos à realidade da prática clínica. A razão pelo qual este ser o principal fator de burnout é devido à sobrecarga académica e clínica, onde há grande exigência em cumprir os horários de turnos de estágio em simultâneo com a colaboração de trabalhos teóricos e exames; às situações que encontram ou pode encontrar, a componente emocional de cuidar de doentes em estado crítico e lidar com o luto, situações para quais o estudante muitas vezes ainda não possui mecanismos de coping sólidos; e a insegurança técnica, ao transitar para a prática clínica real, onde as decisões têm impacto direto na vida de terceiros e estando constantemente pressionados pelos orientadores clínicos, gera uma ansiedade elevada sobre a própria competência (Martins et al., 2017).

Por fim, poucas pessoas pensariam neste curso quando se fala de burnout, Arquitetura. Conforme uma notícia da RTP, o ensino de arquitetura está associado a longos projetos que obriga os estudantes a trabalhar em horas extracurricular, que chega a ultrapassar as horas de em Engenharia Aeroespacial e Medicina, tornando esta uma licenciatura de alta exigência física e mental, também devido à falta de sono por parte destes.

Como nota final, é importante mencionar, que por mais stressantes as licenciaturas faladas sejam, todos os cursos têm os seus desafios e não devemos menosprezar uns aos outros sem saber realmente o que cada um tem para oferecer.



Corvo Correio

APRENDER A APRENDER NUM MUNDO EM QUE A INTELIGÊNCIA É “ARTIFICIAL”



Num mundo dominado pela Inteligência Artificial, é cada vez mais difícil encontrar um estudante realmente preocupado com a compreensão e retenção de informação e,consequentemente, pouco se fala de métodos de estudo.

Como aluna do 1º ano do curso de Direito, tenho vindo a experimentar diferentes abordagens ao meu estudo que me ajudam diariamente na faculdade (e que o fizeram até no secundário).

O problema do estudo passivo

Em primeiro lugar, algo que posso garantir é que aqueles que apenas fazem um estudo passivo, não obterão os melhores resultados possíveis (e isto aplica-se tanto em ciências exatas como humanas). Ou seja, não basta ler, reler apontamentos e sublinhar tudo sem critério. É necessário forçar o cérebro a processar a informação, não só a conhecê-la. E como fazemos isto?

Técnica de Feynman

Ora, existem vários métodos de estudo ativo que possivelmente te ajudarão a melhorar a produtividade. Um deles é a técnica de Feynman. Esta consiste na explicação de conceitos complexos em linguagem simples (como que para uma criança), obrigando a sua compreensão profunda. Algo que me ajuda é fazê-lo em voz alta, fingindo que dou uma aula. Enquanto dou a minha “aula” procuro identificar partes da matéria onde travo, para perceber sobre que conceitos devo incidir mais durante no estudo.

Blurting

De seguida, outro dos meus métodos utilizados denomina-se blurting. Este trabalha especialmente o active recall (ou recuperação ativa), que é a chave para um estudo produtivo. Depois de estudar um tema, escrevo tudo o que me lembro numa folha branca, sem consultar apontamentos, e no final, comparo com os apontamentos originais e identifico falhas. Assim, simulo o esforço mental necessário num exame, enquanto consigo avaliar, de forma imediata, o que foi realmente assimilado durante o estudo.

Corvo Correio

Blurting

De seguida, outro dos meus métodos utilizados denomina-se blurting. Este trabalha especialmente o active recall (ou recuperação ativa), que é a chave para um estudo produtivo. Depois de estudar um tema, escrevo tudo o que me lembro numa folha branca, sem consultar apontamentos, e no final, comparo com os apontamentos originais e identifico falhas. Assim, simulo o esforço mental necessário num exame, enquanto consigo avaliar, de forma imediata, o que foi realmente assimilado durante o estudo.

Flashcards

Em terceiro lugar, o método que mais uso é, sem dúvida, Flashcards. Estes podem ser feitos em papel, mas pessoalmente prefiro usar plataformas como Quizlet ou Anki. Com base em apontamentos, escrevo cartões com uma pergunta e a respetiva resposta e revejo-os frequentemente, especialmente enquanto realizo tarefas do quotidiano.

IA no estudo – Conclusão

Concluindo, a longo prazo, saber como estudar, como gerir o nosso tempo de estudo, e perceber as abordagens que permitem ao nosso cérebro realmente aprender, trar-nos-á benefícios muito maiores que por exemplo, abrir o ChatGPT durante um exame. Aprender a aprender afetará necessariamente a nossa autonomia, pensamento crítico e capacidade de análise, bem nos ajudará a lidar com o mundo real de forma confiante, onde nem sempre temos “respostas prontas”.

No entanto, embora a IA não substitua o estudo, pode ajudar-nos durante o mesmo: através da geração de pequenos podcasts que resumem a matéria, e que podemos ouvir nos transportes para a faculdade ou enquanto fazemos tarefas domésticas, por exemplo (algo que faço frequentemente utilizando o NotebookLM). Ou até na criação de flashcards e testes com base num documento com matéria ou um exame antigo. É importante não demonizar a Inteligência Artificial, mas ainda mais o é saber utilizá-la de forma inteligente.

Erros comuns

Mesmo que pareçam produtivos, há alguns hábitos que, na minha experiência, podem prejudicar a aprendizagem: reler apontamentos vezes sem conta vai criar a ilusão de que já sabes informação porque a reconheces; fazer all nighters antes de um exame vai, logicamente, sobrecarregar-te mentalmente e propiciar o esquecimento; estudar junto do telemóvel, embora possa não parecer, vai afetar a tua concentração e fazer com que te sintas “tentado” a ir ver notificações.

Gestão de Tempo – Pomodoro

Para gerir o meu tempo uso a técnica Pomodoro, baseada na alternância entre períodos de concentração e pausas regulares, assim maximizando o foco e a produtividade. A estrutura mais comum é de vinte-cinco minutos de foco e um descanso de cinco. No entanto, ao apenas ter vinte-cinco minutos para avançar numa tarefa, dava por mim a apressar e desleixar-me, da forma que agora faço cinquenta minutos concentrada e dez de pausa, e penso que é uma adaptação mais acessível desta técnica.

Corvo Correio



UMA CAUSA DE QUATRO PATAS. T.I.A.R.A. AO RESGATE!



Infelizmente vivemos num mundo onde a crueldade animal vive entre nós: nas ruas, nos becos, nos caixotes do lixo e dentro das casas do vizinho que menos suspeitamos. Milhares de animais estão hoje em situação de abandono, em condições de risco de vida. Este cenário é, infelizmente, uma realidade na nossa sociedade, isto do litoral ao interior, de norte a sul.

Deve ser recordado, que tanto o abandono e os maus-tratos animais, são crimes previstos no código penal português. O ato de abandono é sancionado com pena de prisão até seis meses ou pena de multa de sessenta dias. A prática de violência ou maus-tratos a animais também é sancionado com seis meses a um ano ou com pena de multa de sessenta a cento e vinte dias em casos de violência, e seis meses a dois anos ou com pena de multa de sessenta a duzentos e quarenta dias para casos resultantes na morte do animal.

Porém num mundo cheio de crueldade e injustiça, alguns ainda aspiram a fazer o bem e defender os animais indefesos da crueldade do Homem. No passado dia 14 de Março, tive a oportunidade de entrevistar a T.I.A.R.A, uma associação de cariz social sem fins lucrativos, focada no tratamento e integração de animais de rua.

A associação expôs-nos a realidade que é o tratamento e integração de um animal colocado em situação de risco nas ruas, na vida doméstica. Todo o sistema de funcionamento da associação depende de voluntários que desempenham trabalhos numa certa área, como a limpeza e tratamento do espaço onde são alojados os animais (maioritariamente gatos), o transporte dos animais para o veterinário, a e principalmente a família de acolhimento temporário.



Corvo Correio



UMA CAUSA DE QUATRO PATAS. T.I.A.R.A. AO RESGATE!

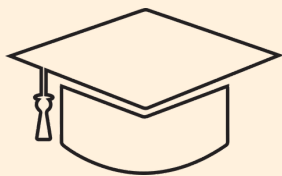


A associação também se encarrega do tratamento médico dos animais, antes de qualquer adoção, vacinas, são colocados o chip e se forem reunidas as condições, são esterilizados com os devidos profissionais competentes.

No final, tenho de reforçar a importância que a ajuda de uma pessoa tem neste tipo de atividades. Toda a gente pode contribuir da sua forma para esta causa, seja ajudar este tipo de associações, seja doando bens ou dinheiro... o que é realmente importante é ajudar esta causa que carece ainda de muita sensibilização da população para a realidade que encontramos no nosso país.

A T.I.A.R.A está à procura de voluntários dispostos a este tipo de atividades, se fores um estudante (ou não), interessado neste tipo de atividade, as informações de contacto estarão no final do artigo.





MOBILIDADE INTERNA: PROGRAMA ALMEIDA GARRETT

Muitos alunos do ensino superior português optam por fazer Erasmus ou outro dos vários programas de mobilidade educativa para fora de Portugal. **Mas e se houvesse um programa nacional de mobilidade?**

Surpreendentemente, existe! O programa **Almeida Garrett** permite aos estudantes universitários passarem um semestre a estudar unidades curriculares relacionadas com o seu curso noutra instituição. Várias universidades e politécnicos, públicos ou privados, aderem a este programa de mobilidade, recebendo vários alunos todos os anos.

Os requisitos para a admissão da candidatura a este programa **podem variar de instituição para instituição**, porém, regra geral, são necessários 60 ECTS concluídos para os alunos do primeiro ciclo de estudos se candidatarem, bem como a frequência do 2.º ano. No segundo ciclo de estudos, os requisitos mudam, sendo apenas necessário ter concluído o 2.º semestre do 1.º ano. A duração do programa é de um semestre, com uma inscrição mínima de 30 ECTS.

PERGUNTAS FREQUENTES

É possível fazer o programa numa instituição pública, estando matriculado numa instituição privada?

Sim, porém, tem de se ter em conta que as propinas continuam a ser pagas à instituição de origem e o valor mantém-se.

É assegurada residência durante o programa?

Depende das instituições acolhedoras, no programa geral de 2015/2014 (mais atualizado), é expectável que, a instituição acolhedora suporte os custos de alojamento do aluno, porém algumas faculdades atualizaram esta norma nas próprias páginas de candidatura, por isso, recomendamos a pesquisa.

Corvo Correio

NOVA REPRESENTANTE DA ACADEMIA! TUNA MISTA ACADÉMICA DE LISBOA.

No dia 15 de setembro de 2025, foi fundada a Tuna Mista Académica de Lisboa, a tuna de todos para todos. Foi numa noite do Tágides que um grupo de amigos de várias tunas idealizou o conceito de uma tuna em que qualquer aluno do ensino superior de Lisboa possa participar, independentemente do género, da instituição, da matrícula, do traje... Esta ideia ruminou na cabeça dos fundadores durante bastante tempo, até poder finalmente ganhar forma. O grande peso nas asas da TMAL foi a falta de um espaço para ensaiar. Porém, com a ajuda da Tuna Académica do IADE, os músicos foram recebidos na garagem dos Bombeiros Sapadores de Lisboa, em Santos.



O espaço pode ser invulgar, mas a energia calorosa transforma o Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa no Teatro Bolshoi, e, de vez em quando, com espectadores fardados. A tuna alfacinha já se estreou em palco no festival dos 30 anos da Quantunna e na Inoportuna, com temas clássicos do mundo das tunas, como "Madalena" e "Águas do Dão", mas também com músicas de autoria própria como "Adeus Lisboa" e "Asdrubal Cantante". A TMAL está à procura de novos "alfacinhas" (caloiros) para se juntarem a este grupo inspirador e cheio de espírito. Mesmo que não saibas tocar nenhum instrumento nem cantar, basta ter vontade e espírito, porque, com a TMAL, nunca estás mal.

@tmal_lx 